

O Sobrenatural na Medicina

D.M. Lloyd-Jones



FES

O Sobrenatural na Medicina

D. M. Lloyd-Jones

Editora PES

Digitalizado por mazinho



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books
evangélicos

O SOBRENATURAL NA PRÁTICA DA MEDICINA

D. M. Lloyd-Jones *

O título desta palestra é um tanto pretensioso. Espero que ele não venha a ser errôneo. Deixem-me dar uma breve explicação do objetivo deste título. Creio que tem chegado a hora para reconsiderarmos algumas de nossas atitudes existentes para com a vida e a prática; atitudes do crente, em geral, e especialmente do crente ocupado na prática da medicina, para quem surgem certas dificuldades. Proponho, particularmente, reexaminar a questão toda do que chamamos "cura pela fé", ou, se quiserem, "cura miraculosa".

O título me permitiria examinar mais do que isso, porém numa só oportunidade não é possível fazer mais do que isso. Deixem-me debuxar o fundo e explicar-lhes por que eu estou examinando esta questão. Todos os médicos cristãos são continuamente questionados sobre este assunto, seja por um paciente, um parente ou simplesmente uma pessoa interessada. Há alguém desesperadamente doente, e a ciência médica, ou a arte médica, se quiserem assim chamá-la, tem feito o máximo possível; no entanto, o paciente está piorando e alguém sugere a possibilidade da "cura pela fé". Então o médico cristão depara com o problema e é forçado a tomar uma decisão sobre o mesmo.

* D. M. Lloyd-Jones, M.D., M.R.C.P., anteriormente pastor da Capela de Westminster. Antes de entrar no ministério, Dr. Lloyd-Jones havia sido primeiro cirurgião assistente do Sir Thomas Horder (posteriormente Lorde Horder) na sua equipe médica no Hospital São Bartolomeu, como também no seu consultório particular.

Um Interesse Especial no Assunto

Eu mesmo tenho lutado com este problema por muitos anos. Acho que de todas as perguntas que me foram feitas durante os anos, nenhuma tem sido feita mais freqüentemente do que esta. Fui subitamente confrontado pela questão em 1928. Estivera no ministério cristão durante uns doze meses — isto é, havia sido pastor de uma igreja — e eu tinha ido pregar numa pequena cidade no Vale de Glamorgan. Terminado o último culto, aproximaram-se de mim dois pastores locais que me perguntaram se eu estaria disposto a voltar outra vez, com o propósito de liderar uma conferência sobre a questão da "cura pela fé". Fiquei um tanto surpreso com o pedido, já que vinha de pessoas de uma comunidade agrícola, onde não se costuma encontrar esse tipo de questão, portanto perguntei-lhes por que tinham interesse nesse assunto. Responderam, dizendo que um pastor pentecostal havia estado lá pouco antes da minha visita, liderando um trabalho missionário por dez dias. Tinham decidido apoiá-lo e haviam de fato feito isso. Como resultado desse trabalho missionário por dez dias, sessenta e seis pessoas foram convertidas. Os pastores continuaram, dizendo que estava claro para eles que as conversões não foram devido à pregação. "Então foram devido a quê?" perguntei. "Bem", disseram, "as conversões foram devido às curas". Várias pessoas haviam sido curadas durante as reuniões, e os pastores atribuíam os sessenta e seis convertidos a isso. Eles mesmos não acreditavam na "cura pela fé", mas ficaram impressionados com os resultados da campanha e ficaram pensando se, talvez, não houvesse algo de errado com suas próprias perspectivas teológicas sobre o assunto. Queriam, portanto, essa conferência; e, um pouco relutante, concordei em estar presente.

Por alguma estranha razão, esqueci completamente a minha promessa e, já que não recebi nenhuma comunicação deles, a tal conferência saiu dos meus pensamentos. Nove meses mais tarde, porém, recebi outro convite para pregar naquela área e o aceitei. Enquanto viajava de trem àquele lugar, eu me lembrei de tudo e fiquei um tanto receoso de como seria recebido, especialmente por esses pastores! No entanto, olhando a congregação e notando que os dois irmãos estavam aí, vi aliviado que eles pareciam como de sempre. Ao terminar o culto, vieram à frente para falar comigo. Antes que pudessem dizer qualquer coisa, comecei com "Bem, estou convencido de que vocês são dois bons crentes". Responderam: "Por que diz isso?" Expliquei: "Porque obviamente vocês têm a graça para perdoar". "O que quer dizer?" — perguntaram. Lembrei-lhes que haviam me pedido para liderar uma conferência sobre a "cura pela fé" e que eu não havia feito isso. Sorriram, dizendo: "Não temos mais interesse nesse assunto". "E por que não?" indaguei. "Bem", me disseram, "nenhuma das pessoas alegadamente curadas continuou curada, e nenhuma das sessenta e seis pessoas alegadamente convertidas permaneceu na fé; então não temos mais interesse na cura pela fé". Devo confessar que pensei então que isso encerrava a questão.

Interesse Contemporâneo

Entretanto, de fato não encerrou o assunto para mim; e desde então sempre estive enfrentando esse problema específico. Além disso, sinto que nestes últimos anos a questão tem se tornado muita mais aguda. Há certos fatores novos que têm me obrigado a pelo menos reconsiderar toda essa questão; portanto estou expondo os meus pensamentos, merecedores ou não, para vocês. Hoje em dia, há um novo interesse em fenômenos. Existe, também, o assim chamado "Movimento Carismático", no

qual fala-se muito sobre a cura miraculosa além de certas outras manifestações.

Demais disso, há uma recrudescência do que devemos chamar de possessão demoníaca. Estive recentemente numa reunião de pastores onde fiquei surpreendido com o número de homens que se levantaram para contar sobre casos de possessão, casos que senti obrigado a aceitar como genuínos. Também tenho encontrado esse problema noutras formas. Para muitos pastores surge a séria questão de como distinguir entre a doença mental e a possessão demoníaca, e como se deve lidar com tais casos. Um livrete, publicado pela Fraternidade Missionária Oriental sob o título *Roaring Lion*,¹ trata especificamente dessa questão de possessão demoníaca. Considero-o um excelente livrete. Também me foi dito que o famoso livro de Nevins sobre *Demon Possession* ² está prestes a ser republicado após estar esgotado durante muitos anos. Tudo isso indica um novo interesse no assunto.

Também há o livro pelo teólogo alemão, Dr. Kurt Koch, sobre o *Revival in Indonesia*,³ no qual são registrados vários casos de cura miraculosa. Dr. Kurt Koch é uma pessoa equilibrada, um bom teólogo com uma boa mente científica, e ele é cauteloso nas suas afirmações. De fato, às vezes, tem-se o pressentimento de que ele é cauteloso demais. Seu livro *Christian Counselling and the Occult*,⁴ por exemplo, demonstra uma grande cautela ao aceitar afirmações como fatos verídicos. Ele escruta, testa e examina cada relatório. Ele faz esse relatório sobre o que ele tem visto em duas visitas à Indonésia, onde, durante os últimos cinco ou

¹ *Roaring Lion* (Leão que rugir), Robert Peterson, O.M.F., 1968.

² *Demon Possession* (Possessão demoníaca), John L. Nevins, 1897.

³ *Revival in Indonesia* (Reavivamento na Indonésia), Kurt Koch, Kregel Publications.

⁴ *Christian Counselling and the Occult* (Aconselhamento cristão e o oculto), Kurt Koch, Kregel Publications, Grand Rapids, U.S.A., 1965.

seis anos, o país tem conhecido um notável avivamento espiritual.

Interesse Contemporâneo na América

No entanto, o que tem realmente cristalizado toda essa questão para mim pessoalmente, foi uma experiência pela qual passei na América há dois anos. Estava lá durante uns cinco meses. Certos professores de um célebre seminário teológico, onde tende-se a ser intelectual e cético de qualquer coisa que se aproxima ao entusiasmo, perguntaram-me o que eu pensava sobre a "cura pela fé" e, especialmente, sobre as atividades de uma senhora chamada Kathryn Kuhlman. Acontece que eu tinha lido o livro escrito por Kathryn Kuhlman, cujo título é *I Believe in Miracles* (Acredito em milagres); mas o que me interessava era por que eles se importavam com esse assunto. A resposta foi que um pregador americano bem conhecido, Dr. Harold Ockenga de Boston, havia convidado a Sra. Kathryn Kuhlman para realizar algumas reuniões na sua igreja. Desde que foi o Dr. Ockenga que tinha convidado essa senhora, certo aluno daquele seminário havia acompanhado um amigo a uma das reuniões. Chegaram à reunião céticos, mas partiram cheios de entusiasmo e bem impressionados, e escreveram para casa sobre suas impressões. Portanto, o problema ocorrera de forma imprevista e direta para meus colegas professores. Havia muita discussão sobre o assunto e queriam conhecer nossa avaliação.

Daí, quando fui a Cincinnati, encontrei novamente essa mesma questão. Todo outono, há uma convenção anual que se realiza em Cincinnati e, entre os oradores que haviam sido convidados para o próximo outubro, houve um bem conhecido pregador, de Pittsburgh. Tudo estava correndo bem até que alguém soube que esse pastor estava emprestando a propriedade da sua igreja

para Kathryn Kuhiman, para que ela pudesse realizar ali suas reuniões de cura e instrução bíblica. Esse relatório causou um sério problema para o conselho executivo dessa convenção, e pediram-me a minha opinião e o meu aconselhamento. Havia grande divisão entre os membros do conselho sobre se deveriam permitir que esse homem falasse na convenção, já que ele apoiava as reuniões de cura de Kathryn Kuhiman. Assim, foi necessário que eu enfrentasse novamente a questão; e o que proponho fazer agora é compartilhar com vocês o resultado das minhas meditações e deliberações durante aquele período e desde então até agora.

Duas Atitudes Principais

Creio que estou certo ao dizer que existem dois pontos de vista principais, entre cristãos, com respeito a este tópico de "cura pela fé". O primeiro destes consiste de pessoas que ficam impressionadas demais com a ocorrência de certos fenômenos., Coloco-o assim deliberadamente. Creio que o pastor em Pittsburgh, já citado, seja um exemplo disso. Não estou divulgando nenhum segredo, porque ele mesmo tem falado sobre isso em público. Ele é pessoa de boa reputação e de bom juízo. Ele apóia essas reuniões de Kathryn Kuhlman e dá suas razões por assim fazer. Ele diz que, nas igrejas de denominações tradicionais, temos todos nos esforçado durante muitos anos, porém pouco parece acontecer. Ele continua, e afirma, alegadamente, temer que nós que pertencemos às denominações mais antigas seremos deixados de lado. Estão acontecendo coisas, pessoas estão sendo despertadas e comovidas, pessoas do mundo inteiro têm sido atraídas, convertidas e juntadas à Igreja por intermédio de pessoas tais como a Kathryn Kuhlman, e aquele pastor temia que os membros das denominações mais antigas, nas suas posições entrincheiradas, estivessem privando-se duma obra extraordinária que

Deus está fazendo. Como resultado, ele havia mais ou menos abandonado o seu velho ponto de vista e, de maneira completamente indiferente, havia dito, "Precisamos entrar nisto; precisamos ver o que é. Qualquer que tenha sido o nosso ponto de vista até agora, precisamos estar preparados a reexaminar tudo". E parecia-me que ele e outros consigo — incluindo Dr. John A. Mackay e seu patrocínio a David du Plessis nos círculos do Concílio Mundial de Igrejas — estavam praticamente dizendo: "O que importa a teologia quando vê-se acontecendo esse tipo de coisa?" Essa atitude está se manifestando de outra forma em conexão com o novo Movimento Carismático; não tanto com respeito à cura quanto às "línguas" e tais coisas. Essa atitude está se manifestando em lugares inesperados. Os católicos romanos estão participando desse movimento, especialmente nos Estados Unidos e na América do Sul. Recentemente, foi publicado um livro chamado *Catholic Pentecostalism*.¹ Esse é um livro que nos obrigará a pensar nova e urgentemente sobre estas questões. Nisso tudo, há um elemento muito perigoso, pois a tese principal parece ser que a teologia não importa. O que é realmente importante, dizem, é que se tem tido uma experiência viva com o Espírito que se manifesta na forma de certos dons. Então pode-se acreditar em quase qualquer coisa contanto que se possua tais manifestações. Coloco tudo isso sob o cabeçalho geral de "capitulação a fenômenos". É a posição na qual a sua teologia e a sua doutrina são mais ou menos determinadas por fenômenos. Aqueles que tomam essa atitude constituem um grupo bem grande.

O outro grupo consiste daqueles que tendem a rejeitar tudo isso "in toto" (totalmente). Consideram que este assunto não merece muita discussão, que vimos

¹ *Catholic Pentecostalism* (Catolicismo Pentecostal), Kevin e Dorothy Ranaghan, Paulist Press: Deus Books, Paramus, New Jersey.

ouvindo sobre isto durante muitos anos, e que o quanto menos tenhamos a ver com isto, melhor.

Rejeição das Reivindicações

Quero examinar essas duas atitudes e começaremos com a segunda. Aqueles que rejeitam as reivindicações desses fenômenos — cura miraculosa, demonologia, falar em línguas estranhas, etc. — assim o fazem, creio, por três razões principais. A primeira não é tanto uma razão quanto a afirmação de um fato. Simplesmente recusam-se a considerar o assunto. O conceito inteiro é descartado por ser psicológico ou, talvez, algo até pior; geralmente, porém, é considerado simplesmente psicológico. Essa atitude vem ao considerar o tipo de pessoa que geralmente está envolvido com essa espécie de assunto. Por exemplo, tenho conhecido pessoas que diziam: "Bem, aí está. O que mais você quer? Aqui está — Kathryn Kuhlman, uma mulher pregando!" Não se precisa dizer mais. Daí continuam, recontando certos excessos e aberrações entre os pentecostais, e outros exemplos de tais coisas. Tratando da mesma forma os acontecimentos em Lourdes entre os católicos romanos — acontecimentos aos quais foram dados muita publicidade — essas pessoas recusam-se a considerar qualquer possibilidade de realidade. Por quê? Por causa da própria origem de Lourdes. Surgiu da experiência da jovem camponesa, uma ingênua, a qual alegou ter tido uma visão da *virgem Maria*. Não é preciso acrescentar mais nada, dizem; não há verdade nisso; é tudo uma tapeação. Mesmo que sejam feitas grandes asserções, não podem ser verdadeiras. É claramente impossível e deve-se simplesmente descartar o assunto, ou por causa das pessoas que estão envolvidas, ou devido à origem do movimento, ou tais considerações.

Também, há os que rejeitam o assunto pelo que chamariam de bases científicas. Eles mantêm que as leis da natureza tornam tais coisas totalmente impossíveis, que a natureza é um sistema fechado e que a natureza é uma questão de causa e efeito. Por conseguinte, os milagres são impossíveis.

Essa, é claro, é a velha atitude liberal para com os milagres. Matthew Arnold a colocou tão bem — "Os milagres não podem acontecer, portanto não acontecem, e não têm acontecido". Tal seqüência de pensamento é bastante lógica. Se os milagres não podem acontecer, então de fato não aconteceram; e não há necessidade de dizer mais nada. Tenho até conhecido muitos evangélicos que aderiram a essa atitude supostamente "científica" que nega a possibilidade do miraculoso, por causa de uma percepção estática da natureza e das suas leis.

Existe ainda um terceiro grupo, que coloco sob o título de "bíblico". Esse grupo consiste daqueles que prestam pouca atenção a todas essas afirmações porque mantêm dogmaticamente o ponto de vista de que o miraculoso, e todas as tais manifestações espirituais, cessaram com os apóstolos e que, desde que recebemos o cânon completo do Novo Testamento, todos esses tipos de fenômenos extraordinários acabaram. Essa tem sido uma opinião muito comum entre nós. Aqueles que a sustentam procuram defender o argumento em termos de uma exposição do capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios, sobre essas coisas acabarem quando vier o conhecimento (I Coríntios 13:8-13); e, dizem: "o conhecimento aí significa a apresentação das Escrituras completas".

Sob este mesmo título geral bíblico, eu colocaria a atitude expressa claramente num livro escrito por Keller,¹ no qual tenta-se tornar aceitáveis os milagres. Lembro-

¹ *The Bible as History* (A Bíblia como história), Werner Keller, Hodde and Stoughton, 1956

me de um exemplo — só para dar-lhes uma amostra de seu ensino — que diz respeito à ocasião quando Moisés bateu na rocha e dela saiu água. A explicação que Keller dá para isso é que durante a Segunda Guerra Mundial uns soldados britânicos estavam construindo uma estrada nova. Usavam suas picaretas e pás quando um dos soldados, ao usar sua picareta, inclinou-se para trás um pouco mais do que pretendia e assim bateu numa rocha que estava atrás dele. Naquele momento, começaram a sair umas gotas d'água da rocha.

Sugere-se, então, que foi algo parecido com isso que aconteceu quando Moisés bateu na rocha; portanto essa espécie de coisa realmente acontece. Dá-se ao leitor o que aparenta ser uma explicação para milagres. Noutras palavras, nem era mesmo um milagre!

Os Fatos Aparentes

São essas algumas das maneiras em que as pessoas têm rejeitado a própria possibilidade de curas miraculosas hoje em dia. Essas atitudes são o que é necessário reconsiderar-se, a meu ver. Ao revê-las, parece claro que, primeiramente, devemos enfrentar os fatos. Certamente não é científico rejeitar os fatos; e nem faz parte do nosso propósito, como cristãos, fazer isso. Obviamente tem havido uma tendência para fazer isso. Olhem o exemplo de Kathryn Kuhlman. Creio que, por mais de vinte anos, ela tem sido a pastora de uma igreja batista em Pittsburgh. Ela é bem conhecida tanto de pastores naquela cidade quanto de profissionais médicos, alguns dos quais são presbíteros em igrejas famosas. Esses não são entusiastas loucos, mas homens sensatos e equilibrados. Não pertencem a alguma seita estranha ou maluca; ao contrário, são presbíteros de bom senso. No entanto, eles admitem francamente que podem confirmar as afirmações de pessoas com doenças

orgânicas, de seu conhecimento, que têm sido curadas e que é esse conhecimento que os tem convencido a apoiar o trabalho da Dra. Kathryn Kuhlman. No seu segundo livro *God can do it again*,¹ publicado em 1969, há casos de curas que são certificados por médicos, cujos nomes, qualificações médicas e cargos hospitalares são devidamente anotados. De fato, em um ou dois dos casos, os próprios médicos foram os curados.

Com respeito a essas testemunhas, francamente estou nesta posição: não posso dizer que são mentirosas e nem acredito que estão enganadas. Tudo que se conhece sobre essas pessoas ou que se descobre sobre elas sugere que são testemunhas de confiança, e que não têm razão para relatar esses fatos, ou apóia-los, a não ser porque acreditam mesmo que são fatos e sentem-se obrigados a contá-los.

Também temos o caso de Harry Edwards, o espiritualista neste país. Não concordo com algumas das opiniões teológicas de Dr. Leslie Weatherhead, porém estou disposto a aceitar algumas de suas afirmações como fatos. Ele tem dito claramente que, tendo observado Harry Edwards pessoalmente durante vários dias, está convencido de que novamente há doenças orgânicas que foram curadas.

No entanto, para mim, o que tem me impressionado mais no decorrer dos anos foi um livrinho que li há muitos anos escrito por Alexis Carrel, um homem cujo nome é familiar em relação à solução Carrel-Dakin que foi usada no tratamento cirúrgico de cortes e feridas logo após a Primeira Guerra Mundial.

Ele escreveu também um famoso livro intitulado *The Phenomenon of Man* ² Bem, Alexis Carrel escreveu um

¹ *God can do it again* (Deus pode fazê-lo novamente), Kathryn Kuhlman, Marshall, Morgan & Scott, 1969.

livrete ¹ sobre o assunto da cura miraculosa no qual ele conta algo que aconteceu na sua própria experiência. Ele era católico romano, mas não era praticante. Entretanto, ficara interessado em Lourdes e as alegações a respeito dela, e decidira visitar e investigar por si mesmo.

Nesse livrete, Carrel conta como viajou de trem a Lourdes e como, a bordo, examinou uma pessoa doente com tuberculose miliar. Começara como tuberculose intestinal, porém havia chegado então a essa fase terminal. Descreveu o abdômen distendido e assim por diante. Examinou o paciente a bordo do trem e sentiu que esse estava "in extremis". Duvidava até de que o paciente chegasse a Lourdes vivo. No entanto, no próximo dia, Carrel viu com seus próprios olhos essa pessoa sendo curada. Viu aquele abdômen inflamado aos poucos diminuir e desinchar; e pôde examinar o paciente posteriormente e não pôde encontrar prova de qualquer doença. Foi então ao Departamento Médico que existe em Lourdes, provido de raios X e tudo o mais que se pudesse desejar, e portanto sem chegar a conclusão alguma com respeito a uma explicação, ele simplesmente declarou os fatos. Há também o exemplo de Dorothy Kerin que foi súbita e dramaticamente curada durante as últimas fases de tuberculose em 4 de fevereiro de 1912. A história, bem autenticada, encontra-se relatada nos seus dois livros, *The Living Touch* e *Fulfilling*.² Digo então que, se simplesmente dizemos que não acreditamos nisso, adotamos uma atitude não-científica. Temos que enfrentar os fatos; se esses concordam ou não com as nossas teorias é outro assunto. É errado rejeitar os fatos, por qualquer que seja a razão.

² *Man the Unknown* (O Homem, esse Desconhecido), Alexis Carrel, Hamish Hamilton, 1950

¹ *Journey to Lourdes* (Viagem a Lourdes), Alexis Carrel, Harpers NY, 1939

² *The Living Touch* (O toque vivo) e *Fulfilling* (Realizando-se), D. Kerin, Justin Powys

Mudanças nas Atitudes de Cientistas

Mas de ainda maior interesse, parece-me, é a extraordinária mudança que vem ocorrendo nestes últimos anos na área do pensamento científico. Há poucas coisas no campo de pensamento mais interessantes ou importantes que isso. Não alego entender tudo nessa área, porém entendo o suficiente para seguir o argumento. O ponto de vista científico do século dezanove tem sido abandonado. Esse ponto de vista ensinava-nos que as leis naturais, ou leis da natureza, governavam todos os acontecimentos. Era causa e efeito, "as leis da natureza", e tudo era governado por isso. Todo acontecimento tinha esse tipo de explicação. A teoria científica controladora era determinista, mecanicista e estática na sua perspectiva. Tinha suas origens com Descartes e Isaac Newton. Eram os geradores desse ponto de vista e esse era adotado universalmente. A maioria de nós que pertencemos à tradição evangélica tinha virtualmente aceito esse ponto de vista, e acreditava que essa era a única atitude realmente científica.

De fato, como resultado do trabalho de Einstein — a teoria da relatividade e a teoria dos quanta, etc. — há hoje uma abordagem completamente nova. Os cientistas, os melhores cientistas, dizem agora que o nosso conhecimento sobre "as leis da natureza" é muito limitado. O que temos chamado de "leis da natureza" descrevem somente uma parte da realidade e da totalidade de fenômenos. Estão corretos, porém limitados; no entanto, o que fazem é somente descrever certos padrões comuns. Não é que os cientistas estejam contestando a existência desses padrões ou negando que, na extensão abrangida por esses padrões, não se possa falar de causa e efeito; mas o que eles têm descoberto é que existem outros fatores além desses padrões que não

podem ser explicados em termos daquilo que temos estabelecido, ou reconhecido, como "leis da natureza".

Noutras palavras, estão percebendo cada vez mais que há limites no observador científico, e que há muito mais no cosmos do que supunha dogmaticamente o cientista no passado e especialmente durante o século dezenove. Há uma nova espécie de humildade nos círculos verdadeiramente científicos, e todas as descobertas recentes sobre o ADN e ARN têm promovido muito essa nova percepção da ciência — de fato, elas a têm tornado inevitável.

Expresso doutra forma, o conceito moderno é o de "indeterminação". *Não determinação mas indeterminação*. Fala-se hoje em dia sobre "probabilidade" e não sobre certeza. As pessoas estão se abrindo para novas idéias. Li um artigo recentemente no qual o autor, sem hesitação, apresentava a idéia de que "as leis da natureza", como as chamamos, estão de fato mudando, que a velocidade da luz está mudando, e que a rapidez com que acontecem outros fenômenos também está mudando. Então, com essa nova perspectiva científica, não se ensina mais que "as leis da natureza" controlam os acontecimentos. A nova perspectiva sobre a energia, e especialmente a energia elétrica, é tal que se pode falar simplesmente em termos de "probabilidades". Há todo tipo de possibilidade, e portanto não temos o direito de ser dogmáticos e de propor como princípio rígido que sempre haverá causa e efeito.

Essa nova atitude, é claro, pode realizar-se de muitas maneiras. A mudança é bastante encorajadora porque, entre outras coisas, o velho conceito científico significava que, na última análise, não adiantava ter qualquer opinião, pois até os nossos pensamentos eram resultados de alguma causa predeterminada que levaria a um efeito. O processo inteiro era mecanicista, e os pensamentos de um homem eram vistos como o

resultado de forças além do seu controle. Não existiam volição nem tal coisa como ação; e finalmente, é claro, excluía até Deus. Se a natureza é um sistema fechado, então não há necessidade de Deus, de fato não há lugar para Deus, e a maioria dos cientistas não acreditava em Deus. No entanto, nos preocupamos mais com essa grande mudança na perspectiva científica pelo efeito que ela tem em relação ao nosso assunto específico.

Há, então, essa atitude alterada entre os cientistas — não os cristãos que são cientistas, ou os cientistas que são cristãos, mas aqueles que são primeira e essencialmente homens de ciência. As pessoas estão se abrindo e reconhecendo que existem possibilidades além daquelas que pensávamos, até agora, constituir parte de um sistema fechado.

Exagero das Reivindicações Bíblicas

Pois bem, quando se chega à rejeição bíblica (isto é, a rejeição dos fatos e fenômenos em termos do ensino supostamente bíblico), pessoalmente nunca fui capaz de aceitar o ensino bem-conhecido de que tudo que pertence à área do miraculoso e do sobrenatural, como manifestado nos tempos do Novo Testamento, cessou com a era apostólica. Não há uma declaração sequer nas Escrituras que sugere isso. Não há declaração específica ou até indireta de tal natureza. A interpretação de I Coríntios, capítulo 13, que leva a essa conclusão está completamente errada. As afirmações de Paulo aí encontradas referem-se ao estado futuro. Se dissermos que, desde quando foram redigidas as Escrituras do Novo Testamento e estabelecido o cânon do Novo Testamento, que temos "todo o conhecimento" e que conhecemos agora "assim como somos conhecidos (por Deus)", é certamente ridículo. O apóstolo Paulo que recebera então a revelação na qual se baseava a Epístola incluiu a si

mesmo na falta de conhecimento. O propósito e o alvo daquela argumentação era formar um contraste entre a nossa situação atual e o nosso futuro estado de existência. É interessante notar que as mesmas pessoas demonstram um ceticismo semelhante com relação a casos relatados sobre "possessão demoníaca" hoje em dia. Será que é porque pensam que o diabo também decidiu cessar suas atividades devido os apóstolos não existirem mais?

Igualmente, não estou satisfeito com a resposta que B.B. Warfield dá àqueles que alegam que os milagres continuaram após a era apostólica.¹ É bem conhecido que Tertuliano e Agostinho usaram o argumento que os milagres aconteciam na sua era e época, em defesa da fé cristã e como parte da sua apologética; e nunca estive satisfeito com a resposta de Warfield a isso. Até entre si, os eruditos não concordam que as provas podem ser descartadas desse modo sumário. Não somente isso, mas sendo alguém que tem tido grande interesse na história dos partidários da reforma protestante na Escócia, sempre fiquei muito impressionado com a evidência que vem daqueles tempos. Há eventos contados sobre a vida de John Welch, genro de John Knox, onde parece claro que milagres foram realizados em certas circunstâncias estranhas e extremas. Há o famoso partidário Alexander Peden. Parece-me incontestável que aquele homem tinha o poder de presciência e profetizou coisas que chegaram a acontecer posteriormente. Os registros são autênticos e poderão ser lidos nos dois grandes volumes de "Biografias Seletas", editadas para a Sociedade Wodrow que lidam com esse tipo de história. Portanto, jamais estive satisfeito com essa simples exclusão, supostamente bíblica, de toda a possibilidade de milagres, e o ensino de que tudo isso terminou com os apóstolos, com a

¹ *Miracles: Yesterday and Today* (Milagres: ontem e hoje), B.B. Warfield, Eerdman, Michigan, 1953. Publicado primeiro como *Counterteit Miracles* (Milagres forjados), Scribner, 1918

confiante conclusão de que tudo aquilo que alega ser miraculoso agora deve necessariamente ser espúrio — ou um enorme exagero ou uma mentira.

Esse ponto de vista também parece-me extremamente perigoso porque significa que está sendo apresentado um tipo de novo dispensacionalismo. Quais partes das Escrituras aplicam-se a nós? Será que o livro de Atos tem qualquer mensagem para nós além de seu relato histórico? Adotando-se essa atitude, fica claro que a maior parte de 1 Coríntios não teria nada para nos comunicar. Noutras palavras, creio que aqueles que adotam esse ponto de vista têm sido culpados, inconscientemente, de introduzir uma nova espécie de deísmo. A nossa tendência tem sido a de excluir Deus das atividades de hoje em dia. Temos afirmado que isso não pode acontecer porque todo fenômeno acabou na era dos apóstolos. Com certeza, essa é uma atitude que não temos o direito de adotar. Não tem fundamento bíblico nem histórico; estamos simplesmente fazendo uma declaração dogmática. Parece resolver nossos problemas. Podemos descartar os relatórios que ouvimos e as alegações que são feitas; e faz com que sintamo-nos felizes. Mas será que é certo? Será que é verdade? Sugiro que chegou a hora de reexaminar tudo isso, caso que nos encontremos defendendo essa forma de deísmo, e especialmente à luz de certas declarações que encontramos nas Escrituras.

A Verdadeira Natureza das Atitudes Bíblicas

Não tenho mudado, de repente, minhas perspectivas proféticas. Através dos anos, tenho sido um amilenista, e sou extremamente cético sobre pessoas que estão sempre tentando calcular "os tempos ou as estações" e profetizando o fim do mundo ou dos tempos. Não tenho subitamente me retratado e juntado-me àquela

companhia; no entanto quando se lê Mateus 24:24, por exemplo, "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos", somos obrigados a pensar. Isso trata dos últimos tempos, o fim da era presente. Não estou sugerindo que chegamos aí. Talvez seja verdade, não sei. Simplesmente sugiro que, quando chegar essa hora, haverá esses "sinais" — "sinais e prodígios" — que serão tão notáveis que quase chegarão a enganar os escolhidos.

Noutras palavras, aparecerão fenômenos que terão caráter sobrenatural. Todavia, se decidirmos anteriormente que nada desse tipo possa acontecer, qual será a nossa situação quando esse tipo de coisa aparecer, caso que ainda estejamos sobre a terra? Parece-me, por todas essas razões, que é muito errado descartarmos, por qualquer razão dogmática, tudo o que se alega nessa área.

Além disso, sugiro que na própria Bíblia há claramente uma espécie de periodicidade no surgimento desses acontecimentos sobrenaturais. Por exemplo, há obviamente uma periodicidade no Velho Testamento. Tais coisas aconteciam em certas ocasiões especiais, e por claras e óbvias razões. Vê-se a mesma coisa, em certa medida, no Novo Testamento; e somos informados que o Espírito é o Senhor destas questões e reparte Seus dons particularmente a cada um como quer (1 Coríntios 12:4-12). Portanto, isso é algo que pode acontecer a qualquer hora, se assim for a vontade de Deus. Quem somos nós para determinar quando isso deva ser?

Parece bem claro que, olhando em geral a era cristã, houve no início uma abundância de tais acontecimentos que não tem continuado. Como já disse, não estou satisfeito de que jamais aconteceram desde então, porém, falando de modo geral, não têm acontecido com tanta freqüência. Durante aquelas grandes épocas de

reavivamento que têm acontecido periodicamente na história da Igreja, os fenômenos não consistiam tanto na obra de milagres e curas quanto no poder extraordinário da pregação, na extraordinária intensidade da convicção e num elemento inesperado de gozo e júbilo. Tudo isso, parece-me, está dentro do Senhorio do Espírito. O fato de que isso tem sido, geralmente, o caso na nossa era cristã não é prova de que, a qualquer momento, não possa haver uma reintrodução de outros tipos de fenômenos, e especialmente ao chegarmos aos últimos tempos. Além disso, aqueles que se interessam em ler livros como, por exemplo, *Pastor Hsi*¹ terão encontrado acontecimentos e eventos que eu, pelo menos, não poderia explicar a não ser em termos do sobrenatural e do miraculoso. Parece que Deus tem permitido esses acontecimentos nas fases iniciais de certos trabalhos, ou quando foi necessário uma atestação especial da verdade.

Nisso há, então, uma revisão geral dessa atitude negativa em relação às alegações que estão sendo feitas. Ainda estou lidando com aqueles que rejeitam todas as alegações. Não estou considerando, no momento, o caso daqueles que têm chegado a acreditar, e estão tão impressionados pelos fenômenos que capitulam e tendem a abandonar toda consideração teológica.

Mudanças nas Atitudes na Área da Medicina

Mais positivamente, e além dessas observações gerais, creio que há certos outros fatos aos quais ainda não tem sido dado a importância e a atenção que merecem. Parece-me que há certos fatos médicos que temos nos inclinado a ignorar. Refiro-me aos relatórios de curas espontâneas, e em particular a regressões no caso de tumores cancerígenos. Tive o prazer de conhecer em Cincinnati um homem ocupado na pesquisa médica. Ele estivera trabalhando em Chicago com duas outras

¹ *Pastor Hsi* Sra. Howard Taylor, O.M.F., 1900 (última edição 1969).

peças que tinham selecionado, da literatura médica nos Estados Unidos, 244 casos de curas espontâneas do câncer. Mostrou-me um dos seus artigos em que isso era relatado. Lembro-me de como um grupo de nós que estávamos pesquisando esse assunto, sob os auspícios da Fraternidade Médica Cristã, encontrou vários exemplos na literatura médica de curas espontâneas do câncer. Este era o tipo de coisa que tinha acontecido. O paciente é diagnosticado como tendo um tumor, um tumor abdominal, e o cirurgião decide operar. Contudo, no momento em que ele abre o paciente, encontra que o tumor é tão desenvolvido que não seria possível removê-lo. Ao encontrar a extensa disseminação do tumor, o cirurgião decide costurar a incisão no paciente imediatamente. Literalmente ele nada faz sobre o tumor. No entanto, desse momento em diante, às vezes o paciente tem começado a recuperar-se, e depois de um período, não tem havido mais qualquer prova ou sinal da doença. Tal caso pode ser raro, porém acontece. Vários dos casos na América caem nesse grupo — onde um cirurgião tem feito somente uma laparotomia e nada mais. Outros casos foram onde pacientes, com um tumor maligno, alguns com depósitos secundários, contraíram outra doença ao mesmo tempo — uma febre, ou alguma doença infecciosa — e desde o momento quando tinham essa outra doença, a condição cancerígena começou a desaparecer. Esses médicos, que selecionaram esses casos, ficaram convencidos que aconteceram essas curas espontâneas ou regressões em casos aparentemente sem esperança. Certamente temos que reexaminar tal evidência e encontrar para essas uma explicação — por exemplo, dentre os notáveis mecanismos da imunologia. Isso deveria abrir nossas mentes e salvar-nos de uma posição dogmática demais.

Também é interessante observar que uma nova visão sobre enfermidades, uma nova teoria sobre doenças, de fato sobre todo o estado de saúde e doença, está atraindo

atenção. Não deveríamos nos surpreender com isso. Lembrem-se da declaração em 1 Coríntios 11:30, com relação à Ceia do Senhor, onde o apóstolo diz que devido certas pessoas não terem se examinado "por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem". O apóstolo aí ensina claramente que a doença às vezes, nem sempre mas "às vezes", tem uma causa espiritual — "por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes". Noutras palavras, condições espirituais podem levar a condições ou doenças físicas.

Deveríamos já ter sabido disso e dado a isso a devida importância. No entanto, hoje em dia tal conceito não apresenta a mesma dificuldade que antigamente. O ensino com relação a estresse e medicina psicossomática concorda com isso, e mostra-nos como observadores, não necessariamente cristãos, compreendem que infelizmente estivemos ignorando esse tipo de aspecto psíquico na nossa abordagem da doença. Nessa posição tem sido demasiadamente materialística e mecanística. A mudança de perspectiva na medicina com relação a esse assunto é realmente surpreendente. Ainda lembro os primeiros dias do freudismo e da psicanálise. Era a única piada na qual se pudesse depender quando as outras falhassem. O aluno que, ao ser questionado sobre a causa ou as causas da úlcera gástrica, começava por dizer "preocupação ou ansiedade" era ridicularizado pelo professor e por todos os outros alunos. Era tudo tão cômico. Pensávamos, então, somente em termos da quantidade de ácido no estômago e a possibilidade de vários tipos de ferimentos à mucosa gástrica. Quão grande tem sido a mudança desde então!

Além disso, temos lido de vez em quando sobre casos onde um paciente tem desenvolvido repentinamente uma doença como resultado de choque. Um exemplo disso ocorreu na minha própria família. Uma tia minha, que estivera perfeitamente sadia, foi informada subitamente que seu filho mais velho havia

sido morto de maneira trágica. De pronto, ela mostrou os sintomas de diabetes, e foi tratado com insulina pelo resto de sua vida. Outros casos semelhantes também tem sido relatados. Muitas vezes ouve-se esse tipo de coisa.

Há casos em que um tumor maligno parece ter começado com algum tipo de choque ou desapontamento ou algo mental ou emocionalmente traumático. Com relação a esse assunto, é impossível não recordar os casos de dois eminentes estadistas — Neville Chamberlain e Aneurin Bevan. Além do mais, há a tendência hoje de considerar essas doenças não tanto como condições primariamente locais, quanto de maneira mais sistemática ou constitucional. Será que o câncer é somente uma doença local, ou é uma condição geral com manifestações locais? O ponto de vista hoje em dia é que é geral, com manifestações locais, e não somente uma condição local.

Recentes Perspectivas sobre a Cura

Também tem havido especulação quanto ao papel de processos imunogênicos e outros processos fisiológicos e patológicos. Discursos versados têm sido proferidos sobre esse assunto e, para mim, é muito fascinante, porque indica o fato de que as pessoas estão compreendendo que é incluído o homem inteiro, e que não podemos considerar somente as manifestações locais. Existem outros fatores. Noutras palavras, a tirania de pensar somente em termos da mórbida anatomia e patologia está chegando ao fim.

Estávamos familiarizados com isso, até certo ponto, há anos atrás. Lembro da introdução do tratamento de choque mediante proteína para a artrite reumática. De certo modo, aquilo era a aplicação de uma teoria semelhante. A idéia era que, dando-se deliberadamente

um choque a um paciente a fim de estimular sua resistência geral, este trataria então da condição local em particular. Várias vezes, tenho contado uma historieta, que tem seu elemento cômico, para ilustrar isso. Lembrome, quando pregava num certo lugar, de que por acaso notei durante a canção de um dos hinos que um pastor da cidade, um homem que eu conhecia há anos, estava mais ou menos sendo carregado por duas pessoas, e colocado num assento reservado para ele. Estava obviamente incapacitado por artrite reumática. Trouxeram-no para mim, no final do culto, e ele disse que queria me perguntar algo. Ele tivera a felicidade de ter conseguido um leito no Hospital Mineral Real de Bath, e queria ir para lá para ser tratado. Entretanto, para o seu completo desapontamento, recebera uma intimação no dia anterior de que não poderia ser admitido para o leito a não ser que fosse vacinado. Estava apreensivo sobre ser vacinado. Tinha medo de que na sua condição frágil isso o mataria. Qual o meu conselho? Deveria ser vacinado ou não? A resposta que lhe dei foi que, visto que conseguira um leito naquele famoso hospital, deveria ir a qualquer preço. Daí continuei, "Sim, e em todo caso, você não sabe o bem que essa vacinação pode lhe fazer. É possível que cure completamente a sua condição". Deixamos assim. Não vi esse homem durante uns seis meses mas, quando o vi novamente, eu o vi andando para mim perfeitamente bem. Observei, "Obviamente têm bons tratamentos no Hospital Mineral Real de Bath". Respondeu, "Nunca cheguei a ir". "Por que", perguntei, "o que lhe aconteceu?" Replicou,

"Bem, como você disse, tive uma reação tão violenta à vacina que pareceu me curar". E de fato o tinha curado.

O Equilíbrio entre a Saúde e a Doença

Há algo aqui que, certamente, deveria ter-nos feito pensar, e seriamente sobre todo o processo da saúde e da doença. Será que não está claro que é um mecanismo muito delicado e sensível, que é uma questão de equilíbrio? Há um mecanismo no corpo humano que preserva esse equilíbrio extraordinário entre a saúde e a doença. Lembro-me de que, há cinqüenta anos, li um grande livro, cujo título era *Infection and Resistance*,¹ que tratava de anticorpos, e enfatizava a luta constante entre a doença e a defesa da saúde. Isso acontece não somente no caso de infecções mas também mais geralmente no caso de doenças tais como aquelas a que me referi. Há forças que produzem doenças e essas são contidas por outras forças. É muito provável que tudo isso seja controlado pelo sistema nervoso. Não deveríamos, pois, concluir que a doença pode ser causada por muitos fatores, qualquer uma das quais pode deprimir esse mecanismo controlador e o abater temporariamente? Poderia ser um choque, poderia ser um acidente, ou poderia ser uma infecção; poderia ser um de muitos fatores. Qualquer que seja, perturba o mecanismo que normalmente mantém o equilíbrio entre a saúde e a doença, e favorece o processo da doença. Será que não temos o direito também de olhar o outro lado e dizer que as curas podem ser o resultado de muitos fatores? Existem os meios comuns que usamos, como uma variedade de medicamentos, ou pode haver um ataque direto nos organismos infecciosos. Além disso, não temos abandonado ainda o desenvolvimento da resistência — ou teríamos? Temos sempre conhecido esse elemento. Há muitos anos, mandávamos os tuberculosos à Suíça e a outros centros. Para quê? Bem, para desenvolver resistência. Não tínhamos nada naqueles tempos com

¹ *infection and Resistance* (Infecção e resistência), Hans Zinsser, N.Y., 1914. Quinta edição intitulada *Immunology - Principles and Applications in Medicine and Public Health* (Imunologia - princípios e aplicações na medicina e na saúde pública).

que podíamos atacar os bacilos diretamente, então nos concentrávamos em desenvolver a resistência do paciente. Infecção e resistência — esse era o equilíbrio. E se aqueles que tratavam o paciente conseguissem aumentar sua resistência, a infecção diminuía, e tornava-se possível restaurar um equilíbrio.

Entretanto, não podemos nos limitar a pensar em termos dos meios comuns ou bem conhecidos ou habituais; temos agora que ir adiante. Se um choque pode causar uma doença, por que um choque correspondente no outro lado não poderia restaurar a saúde do paciente, estimulando o mecanismo que promove a saúde, e assim acabar com a condição doentia? Como já disse, há exemplos e ilustrações sendo acumulados na literatura médica que apontam fortemente nessa direção. E que tal toda a questão sobre a "vontade de viver"? Estou sugerindo que tivemos a tendência a ser mecanicista demais na nossa perspectiva sobre a doença. Temos esquecido o paciente, e temos nos inclinado a esquecer quão delicado é o equilíbrio dos processos que mantêm a saúde.

Em relação a isso, muitas vezes tenho contado o que aconteceu um dia em "Barts" quando Lorde Horder fazia visita aos pacientes. Chegamos ao leito dum homem que era ferreiro. Aí estava ele no leito num canto, apoiado por travesseiros, com falta de ar, suas pernas inchadas, ascite e tudo mais — um caso ruim de arritmia cardíaca. Ele estava incoerente e delirante, e os dois estagiários e eu havíamos chegado à conclusão de que ele estava obviamente morrendo, de fato duvidamos que ele vivesse até o fim do dia. Entretanto, chegamos ao leito desse homem e, enquanto Lorde Horder lhe fizesse perguntas, o coitado paciente estava incoerente e ficava murmurando algo. Estava tornando o exame quase impossível. Então Horder virou para ele e perguntou: "O que está dizendo, meu bom homem?" O homem disse: "Posso levantar-me

hoje à noite, senhor?" E, surpreendendo-nos completamente, Horder disse: "Sim, é claro".

Devo ter registrado algo no meu rosto, e também o estagiário e os estudantes. Então Horder nos reuniu e disse: "Vejo que todos vocês pensam que enlouqueci. Pois bem", continuou, "deixem-me contar-lhes exatamente por que falei àquele homem que pudesse levantar-se. Estão todos de acordo, não estão, de que esse homem vai morrer?" "Sim, senhor", respondemos. Ele disse: "Concordo com vocês, portanto deixem-no levantar-se. Por quê? Bem, não recusem o pedido de um moribundo. Se têm certeza de que ele vai morrer, o seu levantar não fará diferença alguma; em todo caso ele vai morrer — disso vocês têm certeza. Bem, não recusem o pedido de um moribundo. Essa é minha razão principal por deixá-lo levantar-se. No entanto", acrescentou, "vocês sabem que eu tenho outra razão. O coração é um órgão extraordinário e, mesmo quando às vezes está muito doente, pode ser também preguiçoso. Às vezes, encontrarão que o coração doente pode beneficiar-se de um pouco de atividade. Então, como em todo caso esse homem vai morrer e vocês não podem piorar a situação, deixem-no levantar-se, e esperemos para ver o que irá acontecer." Portanto, levantamos o homem por uns dez minutos aquela noite, e ele dormiu melhor naquela noite do que tinha dormido por muitas noites. De fato, encurtando o relato, aquele homem melhorou tão significativamente que lhe demos alta e ele retornava de mês em mês para vermos como estava. Quando deixei o hospital no fim de 1926, ele ainda estava retornando de seis em seis meses para ficarmos de olho nele. Exatamente o que foi que aconteceu nesse caso? O que foi responsável por isso? Não houve mudança na quantidade de digitalina ou qualquer outra coisa; apresentou-se outro fator que pode ser descrito como a "vontade de viver". Sinto que não temos dado atenção suficiente para esse aspecto da saúde e da doença.

O Inesperado na Medicina

Deixem-me contar-lhes mais uma história que incidentalmente me lembra de um dos maiores erros da minha vida no sentido médico! Estava pregando numa pequena capela no Vale de Glamorgan pela primeira vez em 1928, numa terça-feira à noite e numa quarta-feira à tarde e à noite. Antes de partir para casa, eu estava jantando com a idosa senhora com quem estivera hospedado — ela era realmente uma anciã merecedora desse título, verdadeira tirana na sua comunidade local. De repente, inclinou-se sobre a mesa durante a refeição e perguntou: "Será que o senhor faria um favor para uma velha?" Eu disse: "Sim, se puder, ficarei feliz em fazê-lo." "Então", disse ela, "viria pregar novamente no ano que vem nestas reuniões?" "Está bem", respondi, "virei". Continuamos comendo. Logo, inclinou-se novamente e perguntou: "Olhe, será que o senhor faria outro favor para uma velha?" Respondi: "Bem, depende qual o favor". "Oh, está tudo bem", ela disse, "o senhor é capaz de fazê-lo". Perguntei: "O que é?" "O senhor promete vir e pregar nestas reuniões todo ano que ambos estivermos vivos?" Ela já havia me dito que tinha setenta e nove anos, sua pele era mais como papel pergaminho do que pele, e eu na minha esperteza cheguei à conclusão de que não havia nenhum risco em concordar com seu pedido, portanto fiz o contrato.

Isso aconteceu em 1928. Acredite ou não, tive que ir para pregar naquele lugar todo ano até 1939; e se não fosse pela Segunda Guerra Mundial e a retirada daquela senhora para outro lugar no País de Gales, por causa de um aeroporto vizinho, teria sido obrigado a ir até 1942, quando ela morreu! Mas eis a razão da história: acho que, por volta de 1936, essa pobre senhora sofreu um terrível ataque de bronquite e pneumonia bronquial. Não existiam antibióticos naqueles dias e estava ainda no

início do uso das drogas sulfanilamidas. Ela estava desesperadamente doente. Dia e noite enfermeiras eram responsáveis por ela. Mandaram chamar todos os parentes, e estavam todos convencidos, incluindo os médicos, de que ela estava morrendo. Uma madrugada, por volta das 3 horas, de repente ela levantou-se na cama e disse: "Dê-me aquele calendário, aquele almanaque na parede". Todos pensaram, é claro, que isso fosse parte de seu delírio. Contudo, ela insistiu em ter o calendário e deram-no a ela. Ficou olhando e virando as páginas para lá e para cá durante uns momentos. Isso era típico do delírio, é claro. De repente, ela disse às enfermeiras e aos parentes: "Ele estará aqui daqui a seis semanas". Tinha calculado a data da minha visita anual. A partir daquele momento, começou a melhorar!

Noutras palavras, estou tentando mostrar que há tantos fatores que tendemos a ignorar, que podem influenciar esse delicado mecanismo da saúde e da doença. E nessa categoria eu colocaria "fê". Quero dizer fê de qualquer tipo. Se essa visão é correta, qualquer tipo de fê pode ter efeito. Não devemos limitar esses fatores. Não mencionei as pessoas que parecem ter um "dom de cura" natural. É algo que não compreendo; porém está claro para mim que tantos são os fatores que podem causar doenças quanto os que podem produzir curas. Não somente fê cristã, mas qualquer tipo de fé, fé em personalidades "carismáticas", fatores psicológicos, forte emoção, choque, a atividade de espíritos maus — qualquer um desses fatores pode surtir efeito.

Atitudes e Princípios Básicos

Assim, chego à minha conclusão. Nós crentes devemos acreditar em milagres não por causa de todas essas coisas a que tenho me referido, mas porque acreditamos na Bíblia. O fato de crermos em Deus torna

possível para nós aceitar o miraculoso sem dificuldade e acreditar que milagres podem acontecer a qualquer momento segundo a vontade e soberania de Deus. O que tenho tentado dizer é de valor apologético, porém nunca deve ser a base da nossa fé. Se dissermos: "Ah, sim, agora posso acreditar em milagres por causa da nova perspectiva científica, e por causa de uma nova maneira de olhar a saúde e a doença" isso seria para mim uma contradição da fé cristã. Acreditamos em milagres porque acreditamos nas Escrituras, mas o que tenho dito deve ser de algum valor e auxílio apologético para nós, e especialmente da maneira que vou expor a seguir.

Devemos tomar muito cuidado para não cometer o mesmo erro que a igreja católica romana cometeu no caso de Copérnico e Galileu. Os líderes dessa igreja rejeitaram os fatos que foram apresentados por eles, vocês se lembram, porque não concordavam com as teorias dela. Devemos ter muito cuidado para que não sejamos pegos nesse mesmo ponto, e para que não recusemos a reconhecer fatos porque nossa teoria os considera impossíveis. De fato, às vezes tenho tido medo de que nosso dogmatismo nesses assuntos seja semelhante demais àquele demonstrado pelos comunistas e seu tratamento de Lysenko. Não devemos proibir quaisquer descobertas somente por motivos teóricos ou doutrinários. Devemos ter mentes abertas e estar dispostos a aceitar fatos e a examiná-los.

Ao mesmo tempo, devo enfatizar que ainda precisamos manter uma saudável atitude crítica e cética para com tudo que nos é relatado. No entanto, devemos ser críticos de todos os lados, e não simplesmente de um lado. Devemos ter uma atitude crítica para com os dogmatismos da ciência, e também para com as alegações muitas vezes exageradas de certos grupos religiosos. Os próprios cientistas estão assim fazendo hoje em dia, como já temos visto, portanto não devemos ficar para trás. Devemos reconhecer e estar cientes de

todas as imensas possibilidades que estão se abrindo. Muitas das antigas e estabelecidas posições dogmáticas dos cientistas estão sendo questionadas nestes dias, em parte devido a essas viagens recentes à lua e tais projetos. Tudo é tão maior do que o homem pensava, as possibilidades são infinitas. Na verdade, o homem sabe tão pouco. Posto que temos conhecimento em certa área, inclinamo-nos a supor que conhecemos tudo. Entretanto, não conhecemos tudo. "Probabilidade", lembrem, é a palavra de hoje, não "determinismo".

Fenômenos não devem determinar crenças

No entanto, e para mim essa é a descoberta mais importante do ponto de vista teológico, não devemos deixar que nossa doutrina seja determinada por fenômenos. Esse, parece-me, é o perigo hoje em dia para muitos bons crentes. Como disse anteriormente, há muitos hoje que ficam tão impressionados por resultados que estão preparados a abandonar o que têm sempre acreditado. Espero que eu tenha conseguido mostrar que não há necessidade para isso. O argumento deles é mais ou menos o seguinte: "Bem, aqui estão essas coisas que Kathryn Kuhlman, por exemplo, está fazendo. Aqui estão resultados concretos. Quem sou eu para opor isso? Quem sou eu para crer no meu modo de pensar e na minha teologia tradicional?" Aí está o erro. Estão preparados a deixar que seu modo de pensar seja controlado por resultados e fenômenos.

Posso dizer-lhes minha resposta para tal raciocínio? Não devemos decidir se é certo uma mulher pregar, e ser pastora de uma igreja somente por causa dos fenômenos que ela pode produzir. Ainda é o ensino da Bíblia que determina uma questão desse tipo. Nossa doutrina em todos os aspectos deve ser determinado pela Bíblia. "Então o que você diz de todos esses fenômenos, como

por exemplo curas e línguas estranhas?" perguntam-me. Respondo que não tenho nenhuma dificuldade com esses fenômenos. De maneira alguma afetam minha teologia. Não nego que os relatórios sejam fatos, *qua* (como) fatos, que muitos podem comprovar. Como vimos, há muitos fatores que podem produzir tais curas. Daí o fato de uma mulher ser capaz de produzir curas não comprova sua alegação de ser pastora, nem significa que tenho de aceitar tudo que ela ensina. Mas esse é precisamente o tipo de pensamento que tem prevalecido nestes últimos anos. Pessoas têm presumido que devido o nome de Cristo ter sido usado numa reunião, então tudo que acontece aí deve ser verdadeiramente cristão, e é, portanto, uma garantia da autenticidade de tudo que é ensinado. Para essas pessoas, os resultados garantem tudo. Conheci boas pessoas que, por causa do que têm visto em "reuniões de cura", têm abandonado o que acreditavam anteriormente. Por causa do que aconteceu em certa reunião, essas pessoas têm se submetido a todo o ensino daqueles que conduziam a reunião.

Há aqueles que têm abraçado o catolicismo romano, e ainda outros estranhos movimentos religiosos, por essa mesma razão. Espero que o que tenho dito nos livre de tal modo errôneo de pensar, fazendo-nos ver que esses fenômenos podem ser explicados adequadamente de várias outras maneiras. Essas maneiras não precisam nem ser cristãs. Posso aceitá-las como fatos, mas minha posição dogmática, doutrinária e teológica permanece invariável. Mesmo assim, preciso recorrer à Bíblia para meus pontos de vista sobre toda questão de doutrina.

A Regra das Escrituras

A própria Bíblia ensina-nos a extrair a nossa doutrina somente dela. Janes e Jambres, vocês se lembram, podiam reproduzir grande parte do que Moisés

e Arão faziam (2 Timóteo 3:8). Nosso Senhor nos preveniu de que Lhe chegariam pessoas que diriam: "Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?" (Mateus 7:21 -23) Ele não disputa a alegação nem os fatos mas declara que lhes dirá: "Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade". Em todo lugar, a Bíblia nos ensina a "provar", a "testar" e a "examinar" os espíritos. A própria Bíblia nos ensina que há muitas forças e poderes que podem produzir fenômenos e resultados; e alguns são "espíritos maus". Bem, como decidir? Tudo o que digo é que fenômenos não decidem. Não devemos nos submeter a fenômenos; chegamos à nossa conclusão com outros fundamentos, fundamentos bíblicos. Acontecimentos e eventos miraculosos ou sobrenaturais não dão, necessariamente, validade a um ministério, e certamente não devemos permitir que esses determinem nosso ponto de vista. A advertência do nosso Senhor ainda é válida: "Surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mateus 24:24).

Pode ser que me perguntem a esta altura: "Bem, como se decidir em algum caso em particular?" Pode ser extremamente difícil. Para mim, Kathryn Kuhlman é um dos casos mais difíceis de todos. Ela prega o Senhor Jesus Cristo e parece estar correta na sua doutrina — é isso que torna o caso difícil. Há, porém, certos outros elementos no seu ministério. Durante vários dias, eu a ouvi no rádio, nos Estados Unidos em 1969. Há muitos elementos no seu ministério com os quais eu ficaria muito preocupado. Há um óbvio e poderoso elemento psicológico, até uma voz falsa e também muito artificial. Além disso, há muitas risadas e brincadeiras nas suas reuniões e ela até se gaba disso. Contudo, mais básico ainda é a questão do ensino da Bíblia com respeito ao ministério de mulheres.

O caso com relação à "cura pela fé" que lhes tenho exposto tem trazido para mim pessoalmente este conforto, que não me preocupo mais com essa questão. Minha decisão sobre isso, como sobre toda e qualquer questão, ainda é uma decisão bíblica e doutrinária. Não fico impressionado demais ou aflito ou perturbado com esses fenômenos. Podem ser explicados adequadamente através de várias outras maneiras.

Uma Comissão para Curar

Então é necessário que voltem a certos princípios gerais ensinados no Novo — e, de fato, no Velho — Testamento. Um desses princípios é que nunca se encontra milagres bíblicos que são anunciados alguns dias antes de acontecerem. Parece-me muito claro em todos os casos citados nas Escrituras que o que acontecia é que uma comissão imediata era dada ao homem que fazia (ou aos homens que faziam) os milagres. Por exemplo, vejam o caso de Pedro e João e o homem à porta do templo, chamada Formosa (Atos 3:1-11). Semelhantemente vejam o caso de Paulo e o homem em Listra (Atos 14:8-10). Os apóstolos não sabiam de antemão que iam fazer milagres. Acredito que foi lhes dado uma comissão imediata. Eles não experimentavam, e não somos informados de nenhum fracasso no livro de Atos. Há sempre aí uma espécie de certeza, segurança e confiança. Acredito que isso foi o resultado da comissão divina que era dada ao respectivo homem. Portanto, ele sempre sabia na hora que o milagre ia acontecer.

Nota-se, também, que o efeito produzido pelos milagres sobre as pessoas era de enchê-las de reverência, e às vezes medo. Diriam: "Temos visto coisas maravilhosas hoje" (Lucas 9:43; Atos 8:13), ou atribuiriam o poder a Deus (Atos 3:12, 13; Atos 4:7-12). Nalgumas das populares reuniões de cura de hoje em dia,

no entanto, há risadas e jocosidade. Os líderes até se orgulham disso. Eu diria que a Bíblia ensina que qualquer manifestação do poder de Deus impõe respeito, e exclui qualquer espírito de frivolidade, ou de leveza de atitude.

A Oração da Fé

Devo dizer só mais uma coisa sobre o significado de "fé" no termo "cura pela fé". Lembrem que na Epístola de Tiago se diz que "a oração da fé salvará o doente" (Tiago 5:15). Também há a declaração no Evangelho de Marcos "E Jesus, respondendo, disse-lhes: tende fé em Deus; porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará tudo aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis" (Marcos 11:22-24). Todos conhecemos pessoas que têm tentado chegar-se a essa "fé". Isso, acredito, é errado. Creio que a "fé" a que se referem nosso Senhor e Tiago como "a oração da fé", é novamente uma fé "dada". Coloco-a na mesma categoria que a "comissão" que foi dada aos apóstolos e a outros que, em minha opinião, têm feito milagres desde a era dos apóstolos. Não é experimentar, não é anunciar no domingo que haverá uma reunião de cura na próxima quinta-feira. Não cabe-lhes dizer isso porque não sabem de fato se isso acontecerá. Todo milagre verdadeiramente feito por Deus é "dado"; e "a oração da fé" é dada. Ninguém pode produzir isso sozinho; ou possui ou não possui tal fé. Em parte, depende da espiritualidade geral de um homem e sua fé geral em Deus, e ainda mais depende da Sua soberana vontade.

Fenômenos Espíritas

Por último, quero que tomem cuidado. Já devem ter chegado a todos nós pessoas que foram curadas, alegadamente, numa reunião espírita, ou como resultado da atividade dum líder espírita. Em tais casos, sugiro que é muito errado e tolo dizer, ou dar a entender, à pessoa diante de você que ela não tem sido curada! Às vezes, têm havido a tendência de alguns fazerem isso. Espero que esteja claro que espíritas podem produzir certos resultados; porém acredito que nesse ponto temos de advertir as pessoas muito seriamente. Com certeza não devemos fazê-las ficarem doentes novamente a fim de mantermos correta a nossa doutrina! No entanto, o que devemos fazer é precavê-las que, tendo se submetido naquela ocasião a um poder que acreditamos ser de espíritos maus, elas devem tomar muito cuidado para que esses poderes malignos não aproveitem de sua submissão.

Kurt Koch, em seu livro *Christian Counselling and the Occult*, está sempre esclarecendo este ponto, que é óbvio. Se, a qualquer momento, alguém render-se, inadvertidamente, a um poder invisível, está procurando encrenças. A Bíblia nos manda provar "os espíritos" e testá-los. Ela reconhece a realidade, a influência e o poder de espíritos maus. Como evangélicos, temos subestimado, tragicamente, o poder de espíritos maus. O apóstolo Paulo não tinha dúvida sobre o assunto — "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Efésios 6:12). Temos que lidar com isso e, portanto, devemos acautelar essas pessoas que, uma vez que têm se submetido por razões de saúde, há a possibilidade de que correm mais riscos de ataques subseqüentes da parte dessas influências e desses poderes.

A Atitude Bíblica

Concluo dizendo isto: devemos continuar usando os meios habituais no tratamento da enfermidade e da doença. O meio usual de Deus para lidar com a doença é através destes meios e métodos — através das habilidades terapeutas que Ele tem dado a homens e através das drogas farmacêuticas que Ele tem colocado em tanta abundância na natureza, e assim por diante. Respondendo à "oração de fé" é possível que Ele escolha responder à parte dos meios comuns. Entretanto, além disso, devemos lembrar que há outro fator que vimos, não devemos nos surpreender com o mesmo, de fato devemos estar alertas com respeito a ele. Não devemos deixar que nossa teologia seja perturbada, nem devemos abandonar nossas posições bíblicas por causa de quaisquer fenômenos. Temos que avaliar e testar todos esses fenômenos. Devemos explicá-los, se for possível, pelas várias maneiras que temos visto, posto que é mais fácil fazê-lo hoje em dia, talvez, do que em anos atrás. Entretanto, ainda devemos acreditar que "para Deus tudo é possível".

Deus pode fazer milagres hoje, assim como Ele tem feito no passado. Talvez devêssemos até esperar isso dEle, já que os tempos estão enegrecendo e as forças do mal parecem estar emergindo de maneira extraordinariamente agressiva e potente. Não devemos descartar, dogmaticamente, como costumávamos a fazer, a manifestação e a demonstração do poder de Deus para curar doenças, ou para fazer qualquer coisa que é de Seu desejo e de Sua vontade. A antiga exortação do apóstolo Paulo aos Tessalonicenses é duradoura: "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem" (1 Tessalonicenses 5:19-21). Não devemos ficar amedrontados nem nos tornar crédulos sem qualquer ressalva; no entanto, igualmente não devemos "extinguir o Espírito" nem sermos culpados de

reduzir o poder de Deus à medida do nosso entendimento.